

cescontexto

As casas vistas de dentro e de fora

Organização

Carlos Fortuna

Nº 21

Julho, 2018

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Nota de abertura	3
<i>Carlos Fortuna</i>	
As casas em dois sentidos	4
<i>Madalena Duarte</i>	
Violência dentro das casas	8
<i>Sílvia Portugal</i>	
O cuidado em casa e o cuidado da casa	16
<i>Carolina Anselmo</i>	
Mudar de casa	19
<i>Bruno Franco Alves</i>	
Conexões Público-Privado	24
<i>Violeta Rodríguez</i>	
Morar fora de casa: uma experiência de resistência no Bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade do México	28
<i>Rómulo Oliveira</i>	
Janela de classe e o olhar no olho da casa	33
<i>Adelino Gonçalves</i>	
O(s) lado(s) de fora da casa	43
<i>José Manuel Mendes</i>	
Os “sem-casa”... e depois?	46
<i>Graça Índias Cordeiro</i>	
A rua e a casa, que relação?	49
<i>Paulo Peixoto</i>	
A casa despida	53

O cuidado em casa e o cuidado da casa

Sílvia Portugal, Centro de estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
sp@fe.uc.pt

1. O cuidado

Falar sobre o cuidado e a casa implica colocar algumas questões simples: O que é o cuidado? Quem cuida e quem é cuidado? Onde se cuida? Como se cuida? Porque se cuida?

O que é o cuidado?

Uma consulta rápida on-line ao Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (<https://www.priberam.pt/dlpo/cuidado>) obtém os seguintes resultados: *Substantivo masculino* 1. cautela, precaução; 2. inquietação; 3. diligência; desvelo. *Interjeição* expressão usada para pedir advertência ou cautela em relação a algo = Atenção!. *Verbo transitivo* 1. Imaginar; supor; pensar; 2. Ter cuidado em; tratar de. *Verbo intransitivo* Interessar-se por; trabalhar.

As definições do Dicionário dão conta dos diferentes elementos que fazem do cuidado um objecto complexo: acções, pensamentos, sentimentos, emoções, tarefas, actividades, trabalho.

Olhar o cuidado, considerando essa complexidade e mostrando (in)visibilidades, dentro e fora de casa, deve muito ao pensamento feminista e, mais recentemente, ao que podemos denominar como “paradigma do cuidado”: uma abordagem sociológica e filosófica que analisa e reflecte simultaneamente sobre *praxis* e pensamento, sobre acção e emoção.

Autoras como Carol Gilligan, Joan Tronto, Patricia Paperman, Sandra Laugier, Pascale Moulinier trouxeram para o centro dos debates a importância dos laços sociais e das relações pessoais para a reflexão acerca das tarefas de cuidado. As autoras feministas mostraram como a “ética do cuidado” tece proximidades e constrói conceitos diferentes de ética e de justiça, configurando uma “ética situada”, atenta às características do outro e focada na relação interpessoal.

O trabalho de cuidado é um trabalho árduo, que implica tempo, dedicação, sacrifício. É muitas vezes um trabalho sujo, com cheiros repulsivos, sons desagradáveis, imagens repugnantes. Os sentimentos oscilam entre o amor, a compaixão, a preocupação e a raiva, a incompreensão, o desespero.

Incoerências, incongruências, contradições – a experiência de cuidar e de ser cuidado encontra na figura linguística do paradoxo um elemento analítico essencial.

Quem cuida e quem é cuidado?

A resposta à pergunta “quem cuida?” é óbvia: são as mulheres. As tarefas de cuidado são marcadas por uma profunda desigualdade sexual, que as atribui, nos domínios do simbólico e da prática, às mulheres. Na experiência feminina, o cuidado da casa e dos outros estão intrinsecamente conectados. Como afirma Ann Oakley, a principal característica do trabalho

doméstico é ser um “trabalho de mulheres”. Assume-se à partida que desde que existam mulheres numa casa serão elas a realizá-lo, o pressuposto sendo que as mulheres podem desempenhar essas tarefas naturalmente e os homens não.

Quanto à questão “quem é cuidado?” a resposta é: todos! E não apenas “alguns”, os “vulneráveis” – os doentes, os velhos, as crianças, as pessoas com deficiência. A resposta “todos” implica: a) reconhecer a vulnerabilidade dos seres humanos como parte do seu ciclo de vida e não apenas como resultado de acidentes ou de situações de risco; b) a extensão a não humanos: animais, plantas, objectos (a casa, os móveis, a loiça, o automóvel, etc.).

O paradigma do cuidado valoriza o cuidado, coloca o foco na relação, quebra dicotomias entre os que (não) necessitam. As relações de cuidado são relações de proximidade, muitas vezes relações de parentesco, muitas vezes situadas no espaço doméstico. As relações de cuidado implicam conhecimento, interconhecimento e reconhecimento. Trazem para o centro, a importância dos laços que nos ligam aos outros, mesmo quando contraditórios ou conflituais.

Como e porquê se cuida?

Na casa e da casa cuida-se com base na tradição, no saber apre(e)ndido na experiência, na reprodução de gestos vistos fazer múltiplas vezes. Cuida-se de geração em geração, entre gerações. Cuida-se “dos nossos”, cuida-se “como deve ser”. A praxis alimenta-se do simbólico.

As relações de cuidado alimentam-se da dádiva e da reciprocidade. A tríade identificada por Marcel Mauss – “dar, receber, retribuir” – tem, no cuidado em casa, contornos muito específicos. Na reciprocidade familiar, por um lado, dádiva e retribuição fazem circular e equivaler coisas muito diferentes; por outro lado, entre dom e contra-dom, o tempo pode correr sem que o ciclo se quebre.

Na reciprocidade familiar não conta o que se troca, nem quando se troca. Nesta dádiva, o tempo conta tanto menos quanto mais se confia no outro. Mediada pela afectividade e pela confiança, a reciprocidade realiza-se muitas vezes à “escala de uma vida” e transforma o apoio numa espécie de “crédito a longo prazo” que não necessita de ser retribuído no imediato, nem de ser simétrico: o contra-dom pode vir muito mais tarde ou mesmo ser destinado a outra pessoa.

Por um lado, nesta concepção inscreve-se uma ideia clara da evolução das posições de receptor e de dador ao longo da vida, de pais e filhos. Na infância e juventude, os filhos são apenas receptores, na idade adulta são receptores e dadores, de uma forma assimétrica, até que os pais atingem a velhice, e nessa altura passam estes a ser os receptores. Por outro lado, são contempladas pessoas que não têm possibilidade de reciprocidade e que serão sempre receptoras.

As relações de cuidado são também relações onde se jogam relações de poder e de dominação. O cuidado em casa é acompanhado por aquilo a que Claude Martin chama “direito de intromissão”, que contrasta com princípios de autonomia e de independência. Assim, este revela-se um domínio de tensão, dado que entram em cena normas conflitantes, de individualidade, de liberdade e de obrigação.

2. A casa e o cuidado

Olhar o cuidado “dentro de casa”, implica, também, ter que olhar para fora dela. Implica integrar uma escala macro e articular escalas analíticas – do micro do espaço doméstico e das

relações familiares, ao transnacional, dos fluxos migratórios de mulheres migrantes desqualificadas, que prestam cuidados a outros em países longínquos dos seus.

Perguntar quem se ocupa de quem e como? Implica pensar a organização social e política das actividades de cuidado, olhar as desigualdades estruturais e as políticas públicas. Ou seja, analisar o modo como as responsabilidades do cuidado são distribuídas e quais os agentes que tomam decisões sobre essas responsabilidades – Estado, mercado, comunidade, família.

O cuidado em casa é também importante para discutir o que Wellman chama a “economia política da comunidade”, ou seja, o lugar das redes pessoais nos sistemas de produção e reprodução social. As mulheres têm, em grande parte, sido utilizadas como “exército de reserva” para a reprodução das famílias, fornecendo, a baixos custos, serviços de qualidade elevada e com grande flexibilidade de utilização, o que se, por um lado, beneficia as famílias, por outro lado, não deixa de beneficiar também as outras esferas de produção de bem-estar, nomeadamente a estatal, aliviando-a de responsabilidades.

A evolução histórica das actividades de cuidado e as transformações económicas e sociais a elas ligadas tiveram três consequências fundamentais: a) a transferência de muitas tarefas de cuidado para “fora da casa” – a educação das crianças; a hospitalização dos doentes; a institucionalização dos velhos, etc.; b) a profissionalização da actividade de cuidado – a passagem da arte clássica de cuidar para as profissões de cuidador/a, num movimento simultâneo de qualificação e distinção do profissional e de desqualificação de quem cuida “dentro de casa” e do trabalho não remunerado das tarefas de cuidado; c) a regulação do que se passa “dentro de casa” – o processo civilizacional de que fala Norbert Elias implicou uma forte “higienização” das condutas domésticas e dos modos de cuidar. Dos ensinamentos da puericultura, estudados por Luc Boltanski nos anos 60, à hegemonia do saber médico no tratamento das doenças, o cuidado na casa tem sido alvo de processos de colonização do privado pelo público.

No entanto, este movimento não se faz sentir sem a persistente resistência das famílias – a recusa da institucionalização dos idosos, o pluralismo terapêutico, as apropriações do espaço doméstico distintas do seu desenho funcional arquitectónico, etc., revelam a continuidade de modos de fazer que nos obrigam a espreitar para dentro de casa, se queremos verdadeiramente conhecer como se cuida nas sociedades contemporâneas.



Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

A Cescontexto é uma publicação online de resultados de investigação e de eventos científicos realizados pelo Centro de Estudos Sociais (CES) ou em que o CES foi parceiro. A Cescontexto tem duas linhas de edição com orientações distintas: a linha "**Estudos**", que se destina à publicação de relatórios de investigação e a linha "**Debates**", orientada para a memória escrita de eventos.

CES

Colégio de S. Jerónimo
Apartado 3087
3001-401 Coimbra, Portugal
T. +351 239 855 570
F. +351 239 855 589
www.ces.uc.pt
ces@ces.uc.pt

CES - Lisboa

Picoas Plaza
Rua do Viriato, 13
Lj 117/118
1050-227 Lisboa, Portugal
T. +351 216 012 848
F. +351 216 012 847
www.ces.uc.pt/ces-lisboa
ceslx@ces.uc.pt

